



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO

ROSÂNGELA SOUZA SANTOS

**ANÁLISE DO DISCURSO PRESENTE NAS REPORTAGENS DO SITE “CARTA
EDUCAÇÃO”**

ITABAIANA/SE
MARÇO/2018

ROSÂNGELA SOUZA SANTOS

**ANÁLISE DO DISCURSO PRESENTE NAS REPORTAGENS DO SITE “CARTA
EDUCAÇÃO”**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada
como requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado em 2018, pela Universidade Federal de
Sergipe – UFS.

**Orientador: Prof. Drº. Fábio Elias Verdiani
Tfouni**

ITABAIANA/SE
MARÇO/2018

**ANÁLISE DO DISCURSO PRESENTE NAS REPORTAGENS DO SITE “CARTA
EDUCAÇÃO”**

Itabaiana, _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Drº. Fábio Elias Verdiani Tfouni – Orientador

Universidade Federal de Sergipe – UFS

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu à Deus, que me capacitou e me sustentou durante toda a minha caminhada. Agradeço aos meus pais pelo apoio desde o início, ao meu esposo pela compreensão. Agradeço aos meus queridos professores, desde o início da graduação até o momento, em especial meu orientador Fábio Elias pela dedicação e paciência. E por último, a todos os amigos conquistados durante o curso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	14
3 METODOLOGIA	28
4 ANÁLISE DO CORPUS	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 REFERÊNCIAS	43
7 ANEXOS	44

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar três reportagens, as quais duas delas foram retiradas do site “Carta Educação” e a outra de um blog presente no mesmo site. O intuito foi abordar principalmente leitura e escrita relacionando os mesmos com a análise do discurso. Através de importantes teóricos, serão abordados assuntos sobre análise do discurso, letramento e mídia. A respeito dos teóricos presentes nesse trabalho, podemos citar: ORLANDI (2005) tratando sobre a análise do discurso e seus processos, TFOUNI; TFOUNI (2014) sobre mídia e sujeito, ASSOLINI; TFOUNI (2007) falando sobre letramento, TFOUNI; ASSOLINI (2008) tratava de assuntos sobre autoria, interpretação e prática escolar, GREGOLIN (2007) falou sobre a análise do discurso e mídia e por fim, FIORIN (1998) este complementando sobre a linguagem e ideologia.

Palavras-chave: Análise do discurso, leitura e escrita

ABSTRACT

The present work aims to analyze three reports, two of which were taken from the site "Charter Education" and the other from a blog present on the same site. The intention was to approach mainly reading and writing relating them to the discourse analysis. Through important theorists, will be approached subjects on discourse analysis, literacy and media. Regarding the theorists present in this work, we can mention: ORLANDI (2005) dealing with the discourse analysis and its processes, TFOUNI; TFOUNI (2014) on media and subject, ASSOLINI; TFOUNI (2007) talking about literacy, TFOUNI; ASSOLINI (2008) dealt with subjects related to authorship, interpretation and school practice, GREGOLIN (2007) talked about the analysis of discourse and the media and, finally, FIORIN (1998) this complementing on language and ideology.

Keywords: Discourse analysis, reading and writing

1- Introdução

O presente trabalho tem como objetivo abordar os discursos sobre o ensino de leitura e escrita na mídia usando os aportes teóricos e metodológicos da análise do discurso e da teoria do letramento. Nosso *corpus* será constituído de três reportagens do site “Carta Educação” que tratam de assuntos educacionais. Os principais autores e obras a que faremos referencia são: ORLANDI. Eni. P. Análise de Discurso. (2005), TFOUNI. Fábio Verdiani; TFOUNI. Leda Verdiani. A Mídia e a Fabricação do “Bom” Sujeito (2014), ASSOLINI. Filomena Elaine Paiva; TFOUNI. Leda Verdiani. Letramento e trabalho pedagógico (2007), (TFOUNI. Leda Verdiani. ASSOLINI. Filomena Elaine Paiva. Interpretação, autoria e prática escolar (2008), GREGOLIN. Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidade (2007) e FIORIN. José Luiz. Linguagem e ideologia (1998).

O discurso da mídia desempenha uma relação sobre o ensino de leitura e escrita. Com base nisso, percebemos que tanto a escrita como a leitura são influenciadas pelo meio midiático através de recursos persuasivos que os indivíduos acabam assimilando. Tendo em vista a dificuldade da sociedade atual em ler e escrever, observamos que a mídia poderia servir como uma forma de auxílio para seus usuários. Embora essa ferramenta seja difícil de ser manuseada e talvez seja por isso que a sua utilização não surta tanto efeito como deveria. O mau uso de tais recursos pode até acarretar o aprendizado do sujeito através de medidas como: mensagens trocadas em redes sociais de forma abreviada, ou escrita incorreta, comentários em postagens feitos de forma informal, ou seja, existem entre outros artifícios que poderia contribuir para a difusão da leitura e da escrita ao invés de inibir.

Os nossos objetivos específicos são: Analisar os discursos sobre o ensino de leitura e escrita presentes no *corpus*, a partir disso, podemos manter uma relação entre a análise do discurso com a mídia, pois ambos conseguem manter uma relação entre si. Analisar as ideologias presentes no corpus, com isso observamos que a sociedade cria certas ideologias com base em modelos desempenhados principalmente pelo meio midiático, com isso, eles conseguem impor aos sujeitos referências as quais deverão ser seguidas. Analisar como as reportagens encaminham as dificuldades e virtudes do ensino de leitura e escrita no Brasil, através da exposição de dados que comprovem tais informações e a partir disso, percebemos a existência de uma grande dificuldade da sociedade atual para a prática da leitura e escrita.

Tfouni (2001,2005) tem procurado refinar o conceito de autoria através de sua filiação à AD francesa, e também pelo início de uma aproximação com a psicanálise lacaniana, pois considera a autoria como um lugar afetado de maneira singular pela ideologia e pelo desejo, e também porque procura aproximar a proposta de níveis (ou grau) de letramento, implícita no “continuum”, da questão da subjetividade.

(ASSOLINI e TFOUNI, 2007, p. 47)

Com relação ao exposto na citação anterior, Tfouni procura manter uma relação entre análise do discurso francesa com a autoria e psicanálise aproximando com os níveis de letramento. Tendo em vista que o letramento atende a uma nova realidade, já que a sociedade brasileira se preocupa com o desenvolvimento de habilidades da leitura e escrita em práticas sociais e não somente saber ler e escrever. Sendo assim, sobre a autoria temos em vista que ela não se estabelece de forma pré-existente criando um efeito de sentidos de acordo com as necessidades.

Nessa conjuntura, toda leitura precisa de um artefato teórico par que se efetue: Althusser escreve sobre a leitura de Marx, Lacan propõe uma leitura de Freud que é um aprofundamento na filiação da psicanálise, Barthes considera a leitura com escritura, Foucault propõe a sua arqueologia. A leitura mostra-se como não transparente, articulando-se em dispositivos teóricos (E. Orlandi, 1996).

(ORLANDI, 2005, p. 25)

Com relação ao trecho acima, posteriormente a Análise do Discurso adota os dispositivos teóricos impostos pela leitura e valorizando a interpretação da mesma. Tendo em vista que para cada leitura existe uma teoria a qual terá uma nova interpretação e consequentemente um novo dispositivo de análise. Ou seja, a leitura provém de outras anteriores seguindo a linhagem de pensamento de outros autores, porém formando novas interpretações.

As práticas sociais letradas (TFOUNI, 1993, p.1) “[...] influenciam todos os indivíduos de uma sociedade, é claro que de maneira desigual.” Sendo assim, existe um conhecimento sobre a escrita, que as pessoas dominam, mesmo sem saber ler e escrever, que é adquirido, desde que estas estejam inseridas em uma sociedade letrada. Consequentemente, pessoas que vivem em sociedades letradas não podem ser chamadas, em hipótese alguma, de iletradas, mesmo que não dominem o sistema de escrita desta sociedade e, em decorrência, sejam não-

alfabetizadas. Isso ocorre porque, para pessoas que vivem em uma sociedade letrada, a “[...] exposição às práticas sociais embasadas direta ou indiretamente no uso da escrita é inevitável.” (TFOUNI, 1993, p.1).

(TFOUNI e ASSOLINI, 2007, p. 43, 44)

Com base no trecho acima, podemos inferir que quando falamos de sociedade letrada sabemos que os indivíduos que fazem parte dela são influenciados e acabam assimilando o conhecimento passado pela mesma. Sendo eles alfabetizados ou não, estes conseguem assimilar informações mesmo não sendo alfabetizado. Com isso, mesmo se um indivíduo não sabe ler, este tem a capacidade de compreender certos raciocínios, ou seja, não precisa ser alfabetizado para entender determinado pensamento. Através do discurso podemos perceber com maior clareza essa questão do letramento, pois o discurso serve como suporte para a prática do letramento. Quando falamos em leitura e escrita e associamos estes com letramento e análise do discurso, percebemos que eles se relacionam.

Em uma sociedade deparamos com diferenciados tipos de letrados, a partir daí, percebemos que eles adotam práticas diferenciadas capazes de percebermos o nível de cada um. Hoje, notamos uma grande dificuldade por parte da grande maioria da sociedade com a prática discursiva. A escrita e a leitura estão cada vez mais sendo menos exploradas e por isso, são substituídas na maioria das vezes por outras formas de aprendizado as quais dispensam o método tradicional. Com o avanço da tecnologia presente no nosso cotidiano, notamos que essa prática tradicional está desaparecendo e consequentemente os métodos mais eficazes para o aprendizado estão desaparecendo. Desde a infância, vamos começando a assimilar informações mesmo não indo a uma escola, pois possuímos os nossos conhecimentos prévios adquiridos. A partir de um certo momento da vida, temos a necessidade de aprender mais e para aqueles que possuem oportunidades de buscar mais conhecimento, irão se lançando em níveis cada vez mais elevados do estudo. No trecho abaixo, temos em vista que o discurso serve como suporte para a prática letrada sem levar em consideração se o indivíduo é alfabetizado ou não.

Porém, de acordo com o conceito de letramento, proposto por Tfouni (1995,2001), em primeiro lugar, não é mais a língua, enquanto código, que é considerada como parâmetro, mas os *discursos* que servem de suporte às práticas letradas; em segundo lugar, a dicotomia da língua oral/língua escrita já não serve mais, e passa-se a considerar que tanto pode haver características de língua oral na escrita quanto vice-versa. Daí decorre que, o que está em questão não é se o sujeito é

alfabetizado ou não, mas, antes, em que medida esse sujeito pode ocupar a posição de autor.

(TFOUNI e ASSOLINI, 2007, p. 43)

Vamos aqui, descrever rapidamente as reportagens do corpus, para dar um panorama geral ao leitor. Na primeira reportagem: “Cultivar livro e leitura num país diverso, mas oral”, sabemos que nosso país possui uma grande diversidade cultural a qual poderia contribuir o bastante para o crescimento da leitura. Porém, não basta somente juntar a cultura para poder tornar um país leitor, e, sim combinar outros elementos capazes de transformar esse público. Em nossa sociedade, principalmente na classe pobre, temos a maior parte não leitores e todo este fato se deve não somente pela falta de interesse dos mesmos e sim também pela falta de aparato estrutural.

A cultura é algo importantíssimo para contribuir nos trabalhos de leitura, pois o nosso país possui uma grande diversidade cultural. O Brasil é um país diverso seja na dança, música, linguagem, etnias, culinária, literatura, enfim aspectos capazes de serem transformados e reformulados em um novo ato cultural.

Ainda temos em vista fatores que acarretam no crescimento da leitura que será desde a escolha do livro até o valor. Com relação a estas informações, dispomos de que existem também certos fatores que atrapalham a construção de um público leitor. Com relação à escolha dos livros por exemplo, os leitores muitas vezes não participam das escolhas e isso é algo importante para que haja uma leitura proveitosa, ainda notamos uma barreira a respeito do valor atribuído a eles, pois ainda é um preço alto e por isso, nem todos conseguem ter acesso a determinados livros.

Para poder cultivar a leitura não é preciso buscar esses e outros fatores mencionados anteriormente e sim, inserir os governantes nessa batalha para que eles possam contribuir na valorização da cultura de ler e escrever. A leitura é vista na maioria das vezes como obrigação e não como prazer cultivado nesse mundo imaginário de fantasias. Desde crianças a adultos são capazes de construir ideias e articular planos com base em apenas uma única leitura, esta adequada a cada leitor.

Quando um indivíduo desperta interesse em qualquer leitura, ele é capaz de interpretar qualquer assunto de forma clara e rápida. Suas atitudes são modificadas a cada

leitura e simplesmente se tornarão seres ecléticos a qualquer texto e cultura. Portanto, uma boa leitura abre o caminho para novas experiências e novas visões de mundo e principalmente quando os desafios são sinais de sucesso.

Já na segunda reportagem: “Crítica: escolas boutique vendem alienação a peso de ouro”, percebemos que nesse mundo globalizado, notamos novos modos de economia, inclusive para o ambiente educacional. Este por sua vez, será a base da classe alta, pelo fato de que formará padrões, mas não podemos deixar de enfatizar que aquele tradicionalismo presente em escolas de alguns anos atrás deixaram de tomar espaço na sociedade do século XXI. Os altos investimentos estão inseridos nas escolas particulares, diferente do que se via a um tempo atrás, pois tinha uma intenção maior em investir em ensino superior.

Esses modelos escolares foram criados como espaços de alienação, capazes de transformar seus usuários em seres alienados a uma sociedade de elite. Podemos perceber nesses aspectos, modelos que são adotados por outros países e a cada dia estão se instalando em nosso país e sendo aceito com muita facilidade e comodidade por uma sociedade hierarquizada. Ainda não enfatizamos somente o ensino alienado, mas também sua estrutura física toda projetada de acordo com os parâmetros oferecidos de acordo com a sua mensalidade, esta por sua vez, de custo altíssimo e capaz de despertar um desejo de superioridade com as demais camadas sociais.

Por fim, a terceira reportagem: “O desafio de formar leitores”, percebemos que no Brasil deparamos com um percentual alto de não leitores. Em decorrência disso, existem vários motivos que contribuem bastante para esses números se elevarem. Ainda destacamos que a falta de gosto pela leitura vem desde a base familiar até a escola, pois a grande maioria da família não consegue instigá-los a entrarem no mundo fantástico da leitura inicialmente através dos simples contos de fadas, sejam eles de acordo com o interesse de cada criança. Enquanto a escola, esta tem o papel de educar, porém quando enfatizamos a parte da leitura percebemos um déficit na mesma, sendo assim, toda essa problemática é adquirida da falta de opção ou até obrigação do aluno com tais livros e temas que a maioria das vezes não se adequam.

A leitura se praticada de forma eficiente renderá bons frutos capazes de formar humanos em ótimos leitores. Por trás das páginas rabiscadas e até ilustradas, deciframos um mundo mágico de informações parecidas com a nossa realidade. Esse aspecto real que

vivenciamos nesse mundo de letras é capaz de despertar o prazer de buscar novas estratégias de leituras e inclusive tomar gosto pelo ato. Com isso, para um leitor aprendiz basta fazer a prática constantemente e o principal, ser um tema capaz de transparecer a sua realidade e que haja uma conversação entre leitor e texto.

Ainda destacamos aqueles leitores que não são capazes de ler e entender aquele emaranhado de palavras. Eles não leem porque gostam e sim, por obrigação de cumprir aquela etapa ou por necessidade de resolução de algo. Mas isso é uma grande problemática na atualidade, principalmente com essa invasão tecnológica. Diante dessa informação, mensuramos que com o grande avanço da tecnologia os livros, jornais, revistas etc, estão sendo substituídos por todos os mecanismos ligados a tecnologia e que facilitam a desenvoltura do processo de leitura rápida e prática.

2- Aspectos teóricos da análise do discurso

Segundo Orlandi (2005), a análise de discurso trata do discurso, englobando a gramática e a língua, porém esses dois aspectos não são tão importantes quanto o discurso. Na análise do discurso, seria compreender a língua levando em consideração o homem e a história e fazendo do homem um ser especial. A análise de discurso indica a linguagem como mediadora entre homem e realidade natural e social. Com isso, a língua nesse sentido é trabalhada no mundo de forma que seja considerado diversos aspectos da fala. O analista de discurso relaciona a linguagem com fatores externos, estes serão averiguados de acordo com as condições de produção da linguagem. A análise de discurso trabalha com a língua no mundo, a forma como ela significa e seus sentidos, percebemos isto no seguinte trecho abaixo:

Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

(ORLANDI, 2005, p. 15, 16)

Para Orlandi (2005) a análise de discurso mostra a relação da linguagem/pensamentos/mundo, estes possuem suas funções específicas. A Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, pois possui conceitos diferenciados. O analista avalia várias questões, as quais são concebidas através da leitura e assim analisadas detalhadamente. A relação de sentidos é que faz um discurso se relacionar com o outro. Podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito. Um dos pontos fortes da Análise de Discurso é ressignificar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem.

Em Orlandi (2005) notamos que a Análise do Discurso teve início nos anos 60 e se constitui através da relação de três domínios disciplinares: a Linguística, Marxismo e Psicanálise. Ambos desempenharam papéis importantes os quais contribuíram para a ruptura do século XIX. Em primeiro momento, a linguística é caracterizada por possuir seu objeto

próprio (língua), não é transparente. Ela não engloba de uma única forma linguagem/pensamento/mundo e sim, cada um possui sua especificidade. Podemos perceber no seguinte trecho.

A Análise de Discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso.

(ORLANDI, 2005, p. 20)

A noção de discurso, segundo Orlandi (2005), é diferenciado do conhecido esquema elementar a respeito da transmissão da mensagem, temos a produção de sentidos em que haverá ao mesmo tempo um processo de significação. Ou seja, existe uma relação entre sujeitos e sentidos, pois a relação entre ambos são afetadas pela língua e pela história. Por isso, o discurso provoca um efeito de sentidos e a partir daí teremos uma relação entre ele e o locutor. Com isso, deduzimos que o esquema elementar da comunicação estabelece uma ideia diferente do discurso, desempenhando a finalidade de transmissão da mensagem formulada através do código a qual irá passar por alguns elementos até finalmente chegar ao destino. Concluimos isso no seguinte parágrafo:

A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem. Como sabemos esse esquema elementar se constitui de: emissor, receptor, código, referente e mensagem. Temos então que: o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade- o referente.

(ORLANDI, 2005, p. 20, 21)

Além de tudo Orlandi fala que, existe a confusão entre a distinção de discurso e fala. O primeiro possui sua regularidade, oposição aos elementos constituintes da fala, enquanto o segundo é individual e variável. Podemos perceber essas características no seguinte trecho:

[...] O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, a-simétrico, com

suas variáveis, etc. O discurso tem a sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.

(ORLANDI, 2005, p.21,22)

A respeito da formação discursiva, Orlandi (2005), compreende o processo de produção de sentidos e sua relação com a ideologia, já esta, segundo Orlandi (2005) o sentido é determinado pelas posições ideológicas, as quais são impostas em nossa forma de pensar e que acabamos assimilando-as. Ainda ressaltamos que as palavras mudam de sentido de acordo com quem reproduz. A formação discursiva é básica, porém para a Análise de Discurso compreende o processo de produção dos sentidos e possui relação com a ideologia. Assim, a formação Discursiva determina em uma dada formação ideológica o que pode e deve ser dito, a partir de uma devida posição histórica-social imposta, esta por sua vez, variável de acordo com cada situação e inclusive a sociedade, a qual é condicionada a seguir determinadas posições. As palavras não possuem sentido em si, pois são derivadas da formação discursiva, por isso os sentidos são originados pela ideologia.

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.

(ORLANDI, 2005, p. 43, 44)

A respeito do trecho acima, o interdiscurso explica que todo discurso é constituído de outro anterior e por isso, irá mostrar algo que já foi dito posteriormente o qual constituirá uma formação discursiva. Ainda ressaltamos que a mesma dá possibilidades de existência através do interdiscurso. Devido ao fato de estar ligada com a formação ideológica ela constitui os indivíduos em sujeitos, os quais estão condicionados ao meio social e capazes de aceitarem a ideia imposta pelo discurso dito e conseqüentemente se envolverem com tais ideologias.

Com relação à ideologia, segundo Fiorin (1998), ela é construída a partir da realidade, sendo que possui dois níveis de realidade: a essência e aparência. O primeiro,

representa o profundo e não-visível, enquanto o segundo o superficial e fenomênico. Observando por um ângulo real, percebemos que com a evolução do capitalismo os indivíduos estão assujeitados a preservarem mais a aparência do que a essência. A ideologia capitalista é mantida através do processo de dominação entre classes sociais, pois estas estimulam o crescimento de uma sociedade hierarquizada, capaz de formar grupos. Em decorrência disso, surge o conceito de “falsa consciência”, esta seria uma camuflagem da maneira como a sociedade deveria ser e foi transformada pelo poder do capital em que as ideias dominantes perpetuam. No Seguinte trecho vamos explicar mais sobre o assunto.

Há ainda uma coisa muito importante que não devemos esquecer. Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. No modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a ideologia burguesa.

(FIORIN, 1998, p. 31)

Fiorin (1998) fala que hoje temos um grande divisor de águas, o capitalismo, sendo um fenômeno de representação da burguesia capaz de transformar o pensamento humano. A realidade nos instiga a imaginar que existe divisão de níveis sociais, os quais são instalados em nossa mente e que acabamos assimilando determinadas informações a respeito dessas ideologias. Desde o nosso convívio inicial, deparamos com situações e atitudes ideológicas que transformam os nossos pensamentos e consequentemente nossas atitudes. Em decorrência disso, a forma como agimos transforma a maneira como enxergamos o mundo em sua totalidade.

Enquanto isso, Fiorin (1998) fala que o conceito sobre formação ideológica se acentua através da representação da visão de mundo de uma determinada classe social, ou seja, como as ideias são representadas. Ainda ressaltamos que as formações ideológicas só ganham existência na formação discursiva. Com isso, a formação ideológica possui uma formação discursiva, esta com diferentes temas sendo uma forma de assimilação discursiva do homem e assim, havendo a reprodução de sentidos. Para alguns estudiosos, só existe pensamento através da linguagem, enquanto outros não defendem essa concepção. Porém, com o pensamento conceptual, confirma a ideia de que o pensamento existe através da linguagem a partir de uma certa idade. Veremos o trecho a seguir para explorar mais sobre o assunto:

Sim, o mesmo discurso pode ser manifestado por diferentes textos e estes podem ser construídos com materiais de expressão diversos. Um conteúdo como “negação” pode ser textualizado por signos verbais, como “não”, “no”, “non”, ou pelo gesto de mover a cabeça de um lado para outro por diversas vezes. *O beijo da mulher-aranha* foi manifestado verbalmente, num livro, e cinematograficamente (união de expressão visual, verbal etc). Se o mesmo conteúdo pode manifestar-se por diferentes planos de expressão, a distinção entre imanência e manifestação, entre discurso e texto, deve ser feita.

(FIORIN, 1998, p. 38)

Fiorin (1998) diz que a consciência é formada pelos discursos que os indivíduos vão acumulando no decorrer da vida e acabam passando através da fala a maior parte deles. Com relação ao pensamento dominante, existe a concepção de que a consciência seja social, pois sempre estamos condicionados a arcar com ideias sociais ao invés de individuais. O indivíduo apresenta suas concepções, porém estas são articuladas pela sociedade e a maioria das vezes suas opiniões são modificadas, apesar de termos sugestões próprias, somos condicionadas pelo meio social a adotar decisões diferentes das nossas e talvez não são realmente o que pretenderíamos .

Com relação ao conceito de discurso, Fiorin (1998) conceitua que este faz parte do conteúdo sendo manifestado por expressões diversificadas como verbal, visual, gestual etc, ou seja, será de acordo com cada situação. Como exemplo desse conceito, teríamos a relação entre um filme e um livro os quais possuem o mesmo nome e conseqüentemente uma mesma história, porém se analisado a nível discursivo, percebemos que cada um deles possuem uma significação e os conteúdos deixam de ser veiculados. Um discurso pode ser manifestado por meios de expressão diferentes e assim, produzindo efeitos estilísticos de expressão.

A Análise do discurso no Brasil, teve como intuito adotar a mídia como foco de investigação, tendo como base de pesquisa Michel Pêcheux (1997). Sendo assim, temos como teóricos que influenciaram as propostas e foram derivados de Pêcheux: Foucault, Lacan, Freud e Bakhtin, eles contribuíram para a heterogeneidade do discurso.

Gregolin (2007) diz que os textos da mídia oferecem aos leitores representações de uma realidade concreta. Hoje, sofremos forte influência dela em nossa realidade, em que o passado é modelado e somos condicionados ao presente. A forma de pensar é moldada pelos recursos midiáticos e assim, temos uma percepção diferenciada do cotidiano e dos

acontecimentos. Todos os acontecimentos que vivenciamos, pertencem a uma linhagem diferente daquela do passado, pois estamos assujeitados a mudanças profundas as quais só percebemos quando chegamos ao real.

Segundo Gregolin (2007), através dos textos de linguagem verbal e não-verbal podemos perceber a ressignificação das imagens e palavras que formam identidades diferentes que sofrerão variações identitárias. Estamos incubidos sempre a interpretar e reinterpretar informações das mensagens midiáticas, as quais através de imagens ou textos descobrimos a identidade de certos sujeitos. Seja a linguagem verbal ou não verbal presente em qualquer recurso midiático, elas proporcionam uma ligação intensa entre a mídia capaz de mudar a visão da sociedade.

Com realção aos discursos que utilizam técnicas de confissão, eles criam identidades baseadas no saber, algo ligado a características do sujeito sejam elas físicas ou espirituais. Segundo Deleuze (1992), ele diz que há uma transição histórica da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Sendo a primeira, é uma sociedade mais arcaica com relação a atual e que era regida por instituições, dispositivos, enquanto a segunda é regida pela modernidade e assimiladas pelo sujeito. Com essa nova construção da sociedade, podemos perceber que são criados padrões os quais realmente são convincentes para a identidade de cada sujeito.

Sobre a análise de discurso e a mídia, Gregolin (2007) fala que são dois campos que se complementam, pois produzem uma ligação de sentidos diferenciados capazes de um completar o outro tendo em vista sua aproximação com os ideais sugeridos, no trecho a seguir percebemos essas informações:

A análise do discurso, campo de pesquisa solidamente instalado no Brasil, interessa-se cada vez mais em tomar a mídia como objeto de investigação. A articulação entre os estudos da mídia e os de análise do discurso enriquece dois campos que são absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentidos.

(GREGOLIN, 2007, p. 13)

Ainda com relação a mídia, segundo Gregolin (2007) esta cria um paradigma a ser seguido e por sua vez rotula um modelo ideológico de determinado personagem ou coisa. Além disso, a sociedade é alienada a determinadas opções as quais são impostas com o intuito

de inverter a situação aceita pelo indivíduo social. A cada dia, percebemos a mídia não somente como forma de estarmos integrados aos assuntos e atualizações do dia-a-dia, mas sim a dependência em querer estar sempre mais envolvidos com a mesma de forma viciativa. Com o avanço tecnológico, ficamos mais suscetíveis a vícios midiáticos, pois o tempo inteiro seja de qualquer forma deparamos com redes sociais, jornais, revistas, internet etc, tudo inserido em nossa rotina. Quando nos deparamos com alguma notícia, logo analisamos o teor da mesma e assim, sentimos a necessidade de entender qual o intuito do autor para com o leitor, porém nem todos os espectadores conseguem formar opiniões de forma clara e por isso, ficam presos a ideias formadas por outras pessoas.

Em suma, percebemos que os discursos veiculados pelas mídias, contribuem para a formação de identidades através de jogos de sentidos impostos por esses meios. Vivemos em uma sociedade paradigmática, a qual rotula um padrão, devido a isso, é criado um discurso capaz de interagir diretamente ou indiretamente com o espectador. Um tema muito comum que interage com o público hoje, seria “o corpo perfeito”, este ideal é muito comum e fácil de condicionar a maioria da sociedade a adotar tais medidas sugeridas pela mídia. A mídia por sua vez, adota uma forma eficaz de convencer as pessoas através de fortes discursos persuasivos. Ressaltamos ainda que apenas uma dada discursão pode formar outros discursos a fim de formar mais sentidos a partir de um simples discurso.

Tfouni e Tfouni (2014) fala que nessa sociedade, onde imperam o imediatismo e a compulsão ao consumo, não há mais lugar para que se criem laços de amizade e companheirismo. Não há mais vínculos profundos, afirma Bauman, o que projeta espaço para ansiedades, medos, traumas; onde até um ato banal, como cortar o cabelo, assume proporções épicas. É a “sociedade líquida”, na qual tudo é efêmero e dispensável. O enorme contingente de seres humanos atingidos por essa ordem social perversa não tem lugar na sociedade: é marginalizado, até mesmo excluído, do ponto de vista geográfico, cultural e político. “Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2007, 9.7). Por isso, o sujeito precisa de estratégias para poder tomar decisões de como proceder na vida.

Segundo Tfouni e Tfouni (2014) Nessa busca por soluções, o sujeito procura encontrar as respostas em vários lugares, inclusive na mídia impressa, onde revistas oferecem-lhe esse “encontro” da resposta “certa”, que é, precisamente, aquilo que realiza o

assujeitamento ideológico, na medida em que o sujeito precisa livremente se assujeitar. As revistas fornecem modelos de identificação ao sujeito, moldando seu eu de modo que o sujeito só pode se identificar com o que está disponível no mundo, com aquilo que está posto. O sujeito é dividido, para Pêcheux (1995), ele está dividido entre o “bom” e o “mau” sujeito. Sendo assim, o primeiro seria aquele que segue as regras, que faz o que é pedido. Enquanto o segundo é rejeitado pelas instituições, incluindo as escolas, que privilegia a disciplina e a obediência.

Tfouni e Tfouni (2014) diz que tendo a posse da palavra e posição de autoridade, as revistas pretendem fornecer ao sujeito-leitor orientações, na forma de um receituário como o professor ou a escola. Pode-se afirmar a existência de um assujeitamento ideológico dos discursos das revistas sobre o sujeito leitor, que interpela esse sujeito a assumir uma posição. Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas etc), operam esse jogo no qual se constituem identidades a partir da regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida. Isso existe a muito tempo, porém, nos dias de hoje, com a aceleração da vida, um sujeito precisa de um rumo, pois ele é “desbussolado”. Então perguntamos: as matérias das revistas que estamos analisando, servem também como orientações ao leitor? No caso o interessado em educação, o professor e etc...

Com base na análise das reportagens analisadas, percebemos que existe um público diversificado para estas. A leitura de todas são importantes para o enriquecimento de conhecimento, principalmente para os professores. Elas trabalham assuntos educacionais, trazem dados importantes e que talvez nem os professores tenham conhecimento. Os assuntos tratados são diversificados, porém são ligados pelo fato de serem sobre educação. Essas revistas são de extrema importância para o leitor ter mais conhecimento sobre a nossa educação a qual está a cada dia mais difícil. Em escolas públicas sabemos da grande dificuldade em saber lidar com determinadas situações, por isso a importância em ler mais reportagens que tratem certos casos.

Segundo Orlandi (2005), [...] a ideologia é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos [...], a partir dessa afirmação deduzimos que o indivíduo é condicionado pela ideologia para que se produza o dizer. Ou seja, a ideologia transforma o dizer do sujeito e possivelmente a forma como o mesmo se adequa a determinadas situações. No trecho a seguir, trataremos mais sobre o sujeito.

São essas evidências que dão aos sujeitos a realidade como sistemas de significações ercebidas, e experimentadas. Essas evidências funcionam pelos chamados “esquecimentos”, que referimos anteriormente. Isso se dá de tal modo que a subordinação-assujeitamento se realiza sob a forma da autonomia, como um interior sem exterior, esfumando-se a determinação do real (do interdiscurso), pelo modo mesmo como que ele funciona.

(ORLANDI, 2005, p. 47)

Com relação ao trecho anterior, a partir da realidade é que os sujeitos tomam como base a forma de se adequar a determinadas situações, sendo que suas significações serão percebidas e arcadas pelos sujeitos de acordo com cada situação presente. Os indivíduos são subordinados a determinadas evidências que mostram o papel do sujeito e o papel da autonomia em detrimento ao poder.

Com relação a memória, segundo Orlandi (2005), possui características pensadas em relação ao discurso, sendo que nesse sentido ela é mencionada como interdiscurso. Dessa forma, o interdiscurso é chamado de memória discursiva, ele determina o que dizemos. Já a memória seria conceituada como aquilo que é falado antes, ou seja, a nossa memória vem antes de reproduzirmos o que estamos pensando e por isso, podemos citar esse exemplo para completar a ideia. Em resumo, o interdiscurso expõe a ideia do já dito abrangendo também a memória, pois quando pensamos em certos acontecimentos, observamos que é produzido uma memória sobre tal assunto e com isso analisamos de forma adequada sobre o mesmo.

Segundo Orlandi (2005) com relação ao conceito de paráfrase e polissemia, podemos deduzir que o primeiro seria diferentes reformulações no mesmo dizer sem perder a parte principal do texto, enquanto que o segundo seria uma ruptura de processo de significação. Esse jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Tanto a paráfrase como a polissemia, trabalham sempre com o dizer, é através desse jogo de dizeres que há a movimentação de sentidos. No caso da paráfrase e da polissemia, ambas desempenham papéis diferentes, mas que são interligadas devido também ao funcionamento da linguagem. No trecho seguinte podemos explicar mais sobre o assunto.

Quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Daí consideramos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há

sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

(ORLANDI, 2005, p. 36)

M. Pêcheux (1975), dividiu os esquecimentos do discurso em dois tipos: o esquecimento número um e o esquecimento número dois. O primeiro seria o esquecimento ideológico, pois é afetado pela ideologia. Nele pensamos que originamos o que dizemos, mas na realidade seria um pensamento que já existe e estamos apenas dando continuação ao mesmo. Desde quando nascemos o discurso já está em processo, só cabe a nós entrar nesse processo. Enquanto que o esquecimento número dois, este é relacionado com a fala produzindo a impressão da realidade de pensamento, além de ser um esquecimento parcial.

Para Assolini e Tfouni (2007), quando vamos para a realidade podemos encontrar todos esses aspectos anteriormente citados através de que o letramento aborda os aspectos sócios-históricos da aquisição de um sistema de escrita por uma sociedade, e as consequências disso para todos os sujeitos que vivem e interagem com uma organização social que está toda fundada no uso da escrita, mesmo os não-analfabetos. Para Street (1989), o letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades técnicas aprendidas através da educação formal. Talvez a maior contribuição de Street esteja no delineamento formal de duas posições antagônicas sobre o letramento, que ele domina de modelo autônomo e modelo ideológico.

Assolini e Tfouni (2007) diz que o modelo autônomo de letramento assume que os gêneros e as formas correntes de letramento são fixos, universais e dados, quando, na verdade, foram construídos historicamente. Esse modelo parte da suposição de que o letramento se resume a habilidades para a leitura e escrita, e também que ele, por si próprio, terá efeitos nas práticas sociais e cognitivas. Por se constituir em uma ideologia, o modelo autônomo é insidioso e age nos sujeitos de maneira inconsciente. Assoline (1999, 2003) explicará no trecho seguinte:

Por se constituir em uma ideologia, o modelo autônomo é insidioso e age nos sujeitos de maneira inconsciente. Ou seja, as pessoas se perfilam ao lado

dessa ideologia, mesmo sem se dar conta disso, e, muitas vezes, em um discurso carregado das melhores intenções.

(ASSOLINI e TFOUNI, 2007, p. 40)

Para Assolini e Tfouni (2007) a escola ocupa-se da alfabetização em sua dimensão restritiva, isto é, ler é entendido como sinônimo de decodificar; escrever significa copiar, e, portanto, o sujeito precisa dominar uma série de habilidades, como coordenação visual motora, orientação espacial, etc. É importante ressaltar que a passagem do “sujeito da oralidade” para o “sujeito da escrita” somente será possível a partir de mudanças e transformações do processo pedagógico. Entretanto, o trabalho de ensino-aprendizagem de leitura com narrativas poderia, levar a criança a movimentar-se por outras formações discursivas as quais lhe permitissem, falar por exemplo sobre as suas experiências, suas emoções.

É importante também que, consigamos mudar nossa concepção do que é escrita e do que é oralidade através da tomada de consciência do modo pelo qual a ideologia do modelo autônomo de letramento atua. No entanto, pode-se pensar, por exemplo, na questão do discurso pedagógico, e no fato de que os textos, na escola, geralmente devem ser produzidos por escrito. Esse aspecto nos leva a questionar o papel da escola enquanto difusora das práticas letradas. De acordo com as situações vivenciadas no dia-a-dia de uma escola, podemos deduzir que a oralidade é evitada, e nunca é considerada como um produto, muito menos valorizada como um recurso.

Temos defendido o argumento de que, para que o educando possa produzir textos caracterizados pela criatividade e pela autoria, é necessário que ele tenha o direito e a possibilidade de ocupar diferentes lugares de interpretação, movimentar-se por eles e constituir-se como intérprete.

(TFOUNI e ASSOLINI, 2008, p. 01)

As matérias abordam essa questão da liberdade de posicionamento do aluno ? Se abordam, de que forma? O aluno tem direito de falar em sala de aula ou é silenciado? A análise do discurso considera a língua na sociedade e na história, fazendo intervir a ideologia, pois não há discurso e não há sujeito sem ideologia. O discurso é então concebido como processo social cuja especificidade está em sua materialidade linguística. Assim, o objetivo da Análise de Discurso é um objeto sócio-histórico e não linguístico. Isso implica que o aluno

é um sujeito intérprete, que precisa fazer uma interpretação historicizada (TFOUNI). O trecho seguinte fala sobre essa interpretação, a qual interpretamos certo tipo de leitura levando em consideração aspectos sócios-históricos.

[...] Para esclarecer melhor, acrescentamos que entendemos interpretação como sinônimo de leitura historicizada de um texto, que significa que o leitor saberá levar em conta as condições de produção desse texto, não somente no seu sentido estrito (quem escreveu; quando; sobre o quê escreveu, etc), como também no sentido amplo, ou sócio-histórico (quais as filiações históricas do texto; qual o interdiscurso no qual esse texto se inscreve; que aspectos materiais da língua estão indiciando um modo ou outro de funcionamento discursivo, e um consequente direcionamento dos sentidos para alguns lugares).

(TFOUNI e ASSOLINI, 2008, p. 1)

Com relação a liberdade de posicionamento do aluno, estes na maioria das vezes não tem a liberdade de se posicionar diante de determinadas situações. Quando em aula, a maioria das vezes são condicionados a seguir determinados parâmetros impostos pela escola ou professor, e por isso não conseguem expressar da sua forma seus conhecimentos. Com relação as matérias de reportagens desse gênero, elas abordam opiniões ligadas ao todo e deixando de lado a opinião unitária. O aluno na na maioria das ocasiões são silenciados, não sendo capazes de expressarem suas opiniões.

Tfouni e Assolini (2008) diz que a Análise de Discurso promove confrontos teóricos que resultam na redefinição do político, do histórico, da ideologia, do social e do linguístico. Os postulados teórico-metodológicos da Análise de Discurso partem do princípio de que há um real da história e o trabalho do analista é justamente tentar compreender a relação entre essas duas ordens de real, que constituem e em seu conjunto e funcionamento, a ordem do discurso. Na perspectiva discursiva, nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes, pois eles têm sua materialidade e se constituem em processo em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.

Segundo Tfouni e Assolini (2008) no enfoque discursivo a ideologia não é definida como um conjunto de representações, muito menos como ocultação da realidade, ela é uma prática significativa. A interpretação não é livre de determinações. A exaustividade “horizontal” não é um fator que constitui um discurso, assim como a exaustividade extensional não é a preocupação do analista do discurso. Em relação a isso, deduzimos que

um discurso provém de outro anterior o qual poderá formar outro formando um processo discursivo, sendo que poderá ser analisado de forma diferente. Uma proposta pedagógica para o ensino de leitura e escrita que acolhesse o postulado segundo o qual existe uma interpenetração entre o discurso da oralidade e o discurso da escrita como propõe Tfouni (2003, 2005) poderia instigar uma prática de ensino menos rígida e autoritária, em que os alunos se descobrissem e se entendessem enquanto sujeitos que podem ter vez e voz na sala de aula, uma vez que as suas produções tanto orais como escritas seriam aceitas e valorizadas. A liberdade atribuída em sala é importante para o rendimento do aluno, porém cabe ao professor se adequar a essa prática se adequando a situação tanto dele como dos alunos.

O processo de leitura e escrita é delicado, pois funciona de acordo com as ferramentas adequadas para o aprendizado. Cada um possui seu grau de dificuldade e aprendizagem, porém o professor possui o papel de orientar e observar o desempenho dos alunos. Porém, não somente o professor, mas como também a família devem contribuir para que eles tenham mais interesse em ir além dos seus objetivos. Quando se tem ajuda e ferramentas adaptadas para isso, é perceptível o rendimento, pois com a prática a assimilação é maior.

Com base na abordagem discursiva de letramento, proposta por Tfouni (1995, 2001, 2003, 2005), podemos refutar e contrapor-nos ao fato de que a questão da autoria limita-se à produção de textos escritos, uma vez que o conceito de letramento, enquanto processo sócio-histórico, anula a teoria da grande divisa, antepondo ao modelo autônomo, que esta teoria postula, um modelo ideológico (STRRET, 1989, TFOUNI, 1995, 2001 KLEIMAN, 1995).

(TFOUNI e ASSOLINI, 2008, p. 13)

Em relação ao trecho acima, podemos deduzir que os processos de letramento não estão inseridos somente em práticas escritas, e sim em práticas orais, pois existe uma parte da sociedade em que não são alfabetizadas. Não ser alfabetizado não quer dizer que não tenham conhecimento sobre determinados assuntos, apenas não sabem ler. Ainda sobre isso, sabemos que a autoria limita-se a produção de textos escritos e não a oralidade.

Podemos então dizer que a autoria é uma função do sujeito. A função-autor, que é uma função discursiva do sujeito, estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador, tal como as define O.

Ducrot (1984): O locutor é aquele que se representa como “eu” no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse “eu” constrói.

(ORLANDI, 2005, p.74)

Em relação ao trecho acima, podemos perceber que Orlandi (2005) fala que a autoria é função discursiva do sujeito o qual irá criar textos levando em consideração as funções enunciativas.

3- Metodologia

Segundo Orlandi (2005), o corpus é delimitado por critérios teóricos, havendo uma distinção entre corpus experimental e o de arquivo, enquanto a linguagem a análise de discurso adota práticas discursivas diferenciadas como: imagem, som etc, ou seja, ela não se prende a uma única natureza discursiva. Um discurso se relaciona com outro anterior, por isso podemos recortar e analisar tendo em vista estados diferentes. No trecho a seguir, Orlandi diz que a análise inicia a partir do corpus, estabelecendo seu ponto de vista e sua organização, sendo assim o analista mantém uma relação de sentidos em seu objeto de estudo e interpretação.

A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação.

(ORLANDI, 2005, p. 64)

Orlandi (2005), ainda defende a ideia de que a análise deverá ser objetiva e menos subjetiva, pois os sentidos serão explicados e consequentemente o analista terá uma opinião mais resguardada com relação a análise. Levamos em consideração a capacidade do pesquisador através da habilidade teórica e ainda sua capacidade de escrita, pois esta desempenha um papel também importante nos resultados da compreensão. Tais objetos permanecerão para novas abordagens as quais irão tomar caminhos novos de acordo com cada situação atribuída a elas, através de recortes que serão interpretados de forma diferente dependendo de cada pesquisador. Ao analisar textos de uma determinada época, percebemos que existirão possibilidades diferentes de leitura e consequentemente de interpretações, em decorrência disso, dizemos que cada pessoa compreende de uma determinada forma e por isso, existe a objetividade.

No trecho seguinte, Orlandi (2005), fala sobre o objeto discursivo o qual para o analista chegar a ele terá de transformar o corpus bruto em objeto teórico. Ou seja, a partir do

corpus as teorias serão organizadas e colocadas postas para interagir com cada função do corpus.

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o corpus bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em seu objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de “realidade” do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas.

(ORLANDI, 2005, p. 66).

Orlandi (2005) fala que a análise de discurso compreende a produção de sentidos em um objeto simbólico. Através da configuração do corpus é que iniciamos a análise, a partir daí poderá fazer recortes, delimitações, ou seja, usar todos os artifícios cabíveis para que ela seja concretizada. Para analisar, observamos vários aspectos dos quais irão desde o modo de construção aos diferentes gestos de leitura, podendo ser aprofundado, na procura do processo discursivo.

Segundo Orlandi (2005), o dispositivo do analista não adota uma posição neutra, mas que seja relativizada na interpretação. Com isso, o analista trabalha nos limites da interpretação, contemplando os processos de produção de sentidos em suas condições. Com relação ao dispositivo teórico, o analista obedece alguns requisitos, embora não seja atingido por nenhum deles, mas que aproveitem refletindo no pensamento e não no sentido do reflexo da imagem, da ideologia. Abaixo veremos um trecho que fala sobre a teoria.

Em nosso caso, trata-se da teoria, no sentido de que não há análise de discurso sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem, ambas, o processo de compreensão do analista. É assim que o analista de discurso “encara” a linguagem.

(ORLANDI, 2005, p. 62)

A partir da citação acima, deduzimos que é através da teoria que temos a análise de discurso, pois o analista busca através da teoria compreender certos fatos e relacionar com a teoria para poder chegar em uma conclusão. A forma como ele visa à compreensão é plausível de acordo a cada situação, pois em um discurso sabemos que existe um dispositivo o

qual terá um referente. Ou seja, se pegarmos um texto para analisar, perceberemos que terá uma intenção e consequentemente interpretações diferentes para cada sujeito, mas para o analista este terá que adotar uma única posição capaz de convencer todos.

4-Análise do corpus

Nessa seção vamos analisar três reportagens¹ relacionando as mesmas com o conteúdo tratado anteriormente na seção teórica. Com isso, pretendemos compreender o discurso que a revista e o blog veiculam sobre a questão do ensino de leitura e escrita na mídia. Poderemos também perceber a importância da análise do discurso presente na mídia. Assim, passamos à primeira análise:

Análise 1

Nessa primeira análise, Vamos analisar uma reportagem intitulada “O desafio de formar leitores”. Vejamos o primeiro recorte:

Recorte 1: *O desafio de formar leitores*

No recorte 1, a formação de leitores é qualificada como um “desafio”, indicando desde o título da matéria, que se trata de algo difícil, e que isso será mais desenvolvido ao longo da reportagem. Tendo em vista que a maior parte da população brasileira não é leitora, percebemos vários fatores influenciadores para esse assunto em questão. Por isso, realmente existe esse “desafio” na formação de leitores. Sobre o conceito de formação de leitores, entendemos que essa formação pode ser notada desde a infância através da prática da leitura, porém a escola e os professores exerce um papel muito importante nesse processo. Ainda ressaltamos uma sequência de problemas causadores disso os quais serão retratados no decorrer da análise.

Recorte 2 “*A leitura, assim como a culinária, a dança, a costura e a natação, é uma habilidade. Como tal, precisa ser adquirida, treinada, aperfeiçoada e refletida para que seja praticada com autonomia e desenvoltura*”.

No recorte 2, entendemos que a leitura assim como outras atividades, requer habilidades as quais serão adquiridas através da prática. Por isso, a alfabetização é uma habilidade individual, pois para que

¹ As reportagens completas, com os seus respectivos endereços eletrônicos, se encontram nos anexos deste trabalho.

obtenha rendimento é necessário que também tenha habilidade. Se houver interesse por parte do leitor e incentivo de outros contribuintes como: escola, pais etc., terá um rendimento maior, pois mesmo ele não tendo interesse, será condicionado a tomar gosto pelo ato. Além disso, algo bastante interferente nisso seria também os tipos de leituras as quais se adaptam ao gosto do leitor. Em decorrência disso, sabemos que quanto mais o tema agradar o leitor os mesmos terão mais interesse e curiosidade ao ler e assim, interpretarão com maior consciência e perspicácia.

Recorte 3 “Segundo os critérios da pesquisa, 44% da população brasileira não é leitora. E dentre as principais razões apresentadas para a ausência da prática da leitura de livros estão a falta de tempo e paciência, o cansaço, a dificuldade e o não gostar de ler”.

No recorte 3, a leitura no Brasil, é abordada a partir de uma pesquisa, o que indica um discurso burocrático, presente no tratamento sobre a educação. A pesquisa mostra que quase a metade da população brasileira não é leitora, e que os sujeitos dão alguns motivos para isso: “a falta de tempo e paciência, o cansaço, a dificuldade e o não gostar de ler”. Esses motivos são tidos como empecilhos os quais notamos também como uma consequência de um mundo capitalista e tecnológico. Ainda sobre isso, sabemos que com avanço exacerbado a cada dia, a sociedade se deixa levar com novas ferramentas capazes de substituir livros por outras ferramentas que não exijam todo o esforço trazido na leitura de um livro.

Esses fatores como cansaço, dificuldade e falta de gosto pela leitura, podem estar relacionados a um baixo grau de letramento na sociedade em geral, pois se houvesse mais contato com a leitura e a escrita, talvez os “leitores” tivessem mais gosto e mais habilidade na leitura. Ou seja, são esses e outros fatores que acarretam a aproximação do indivíduo na leitura e escrita.

Recorte 4 “Todos sabemos que a leitura, assim como a culinária, a dança, a costura e a natação, por exemplo, é uma habilidade. Como tal, precisa ser adquirida, treinada, aperfeiçoada e refletida para que seja praticada com autonomia e desenvoltura. É possível que, para esse número considerável de brasileiros, a falta de interesse por essa habilidade possa ser explicada pela dificuldade que possuem em praticá-la de modo satisfatório’.

Recorte 5 “Bons leitores, assim como bons cozinheiros, dançarinos, costureiros e nadadores, sentem prazer em realizar suas atividades porque possuem competência para fazê-las”.

A partir dos recortes 4 e 5, a matéria afirma que os sujeitos não gostam de ler por que foram mal alfabetizados, ou no mínimo, que a escola não abre espaço para o ensino de leitura. Ou seja, seria uma sequência de falhas as quais vêm desde a escola até o papel de incentivo familiar. Cada membro

envolvido na motivação da leitura será capaz de transformar alguém sedento em leitura a um ótimo leitor, porém cabe a cada um saber quais critérios deverão ser seguidos para poder desempenhar tais papéis satisfatórios.

O recorte 4 fala em “habilidades” e em “treinamento” isso indica um discurso pedagógico o qual mostra a importância da prática da leitura e da escrita, além de formar a concepção de que as habilidades são construídas através da prática regular resultante dos treinamentos.

Recorte 6 “Geralmente, quando perguntamos a alguém se gosta de cozinhar, dançar, costurar, ou nadar, a resposta é sempre positiva quando o sujeito sabe-se competente para praticar essas habilidades. O gosto costuma derivar do reconhecimento da própria capacidade de realizar algo de modo satisfatório’.

No recorte 6, quando realizamos algo de forma satisfatória, temos em vista o gosto por aquilo assim como, a habilidade de desempenhar tal coisa. No caso da leitura, quando um indivíduo gosta de ler tais assuntos e sabe dominá-los, percebemos que ele é capaz de entender diversos assuntos sem redimir seus pensamentos no momento expositivo. Cada um carregar consigo a capacidade de entendimento, embora existam aqueles que não possuem interesse em explorá-las, mesmo com a ajuda.

Recorte 7, “E como é possível torna-se capaz de fazer algo que não se conhece?”

Recorte 8, “Primeiro, é preciso que o indivíduo adquira algumas competências básicas que, no caso da leitura, passam necessariamente pelo processo de conquista de uma alfabetização plena – tarefa que deveria ser cumprida pelas instituições educativas, garantindo a todos o direito à educação”.

No recorte 8, sabemos que seria a resposta do recorte 7 e por isso, analisamos a mesma como uma menção das instituições educacionais como um dos contribuintes para esse problema. Tendo em vista um ensino desigual o qual existe bastantes falhas, evidentemente em escolas públicas, as quais não oferecem todos os aparatos necessários para uma aprendizagem adequada. Em decorrência disso, os alunos não são capazes de terem uma boa alfabetização igual ou aproximada com o ensino privado.

Recorte 9, “Um indivíduo plenamente alfabetizado é também um leitor competente que compreende e interpreta textos em diferentes situações, estabelecendo relações entre suas partes, comparando e analisando informações, distinguindo fato de opinião, sendo capaz de fazer inferências e sínteses. Só é possível adquirir todas essas competências tendo acesso à palavra escrita e a experiências diversificadas, nas quais as práticas sociais da língua estejam em jogo. Ou seja, pertencendo a um ambiente letrado. E a construção desse ambiente pode ter o seu início muito antes do ingresso à escola”.

No recorte 9, diz que o leitor alfabetizado é aquele capaz de entender diversas situações e dar opiniões a partir do conhecimento que possui. Mas, podemos levar em consideração também a ideia de ambiente letrado antes da escola, pois os pais podem desempenhar esse papel antes da criança chegar até a escola. À medida que os pais instigam a criança na leitura, eles contribuem para seu processo de letramento e quando elas começam a fazer parte do convívio escolar, elas já estão aptas a enfrentar coisas novas. A leitura é um mundo de fantasias também, ela serve para aprendermos mais sobre diversos assuntos proporcionando uma viagem no conhecimento.

Recorte 10, “Segundo a pesquisa mencionada no início desse texto, mães, pais e parentes foram citados como responsáveis por [incentivar o gosto pela leitura](#) por cerca de 27% dos entrevistados. São eles, também, um dos principais influenciadores para escolha e compra de livros. Isso demonstra a importância e a responsabilidade da família para despertar o interesse e a valorização do objeto livro, incluindo momentos para a leitura na rotina, dedicando tempo para visitar bibliotecas e livrarias, investindo parte do orçamento na construção de um acervo próprio, comentando e compartilhando as obras lidas, enfim, [construindo – dentro de casa – uma comunidade de leitores](#)”.

No recorte 10, tendo em vista esse dado da pesquisa, percebemos que uma porcentagem “mínima” é responsável por “[incentivar o gosto pela leitura](#)”. Esse percentual é alarmante, pois não somente a escola, mas como a família, esta principalmente, deveria adotar o principal papel. O convívio do cotidiano contribui bastante para esse processo e inclusive seria o momento certo para trabalhar diferentes problemáticas através de tal leitura. A diversidade de temas traz consigo a aproximação com a realidade e a maioria das vezes eles conseguem fazer do leitor um objeto de identificação com o assunto abordado, mesmo sendo crianças eles conseguem se espelhar em alguns assuntos.

Recorte 11, “Mas, todos sabemos que, em um país onde mais de 80 milhões de pessoas se declaram não leitoras, apostar todas as fichas para a mudança desse quadro apenas na família pode resultar em poucos e lentos avanços. Pais, mães e demais parentes podem e devem aproximar as crianças da leitura desde cedo, mas para isso é preciso que o livro esteja acessível. Daí a importância dos diferentes equipamentos culturais, especialmente das bibliotecas públicas e privadas, das boas livrarias com acervos diversificados e atualizados e, principalmente, de medidas que garantam o direito à leitura como política pública de Estado e não de governos”.

No recorte 11, a partir desse dado, observamos que seria trabalhoso para conseguirmos reverter esse quadro de não leitores, pois não temos também ferramentas adequadas para mudar todos esses dados. Embora tendo em vista outras problemáticas, as bibliotecas não são adequadas ou inexistentes para fazer esse trabalho. A estrutura é algo também de extrema importância, pois para aqueles que não têm condições em comprar livros, devido ao alto

custo, não conseguem obter acesso adequado a bibliotecas e por isso, não conseguem se tornar leitores. Enfim, existe uma problemática difícil de ser resolvida, principalmente quando falamos em investimentos governamentais em educação.

A presença da adversativa “mas” no início do recorte 11, indica uma mudança de posição em relação ao recorte 10. Assim, o recorte 11 indica que não deve vir apenas da família a iniciativa de incentivo à leitura.

Recorte 12, “Saber ler e fazer parte de uma comunidade onde a leitura está presente nos mais diferentes suportes é fundamental, mas essas duas condições só se efetivam na prática quando há acesso a livros e outros bens culturais de qualidade. E acesso, aqui, precisa ser entendido como muito mais do que proximidade com os objetos, mas como a criação de condições para que se possa extrair o máximo desse contato. Daí a importância da mediação feita por leitores mais experientes, que sejam capazes de despertar o desejo pela leitura, construindo oportunidades para que se possa praticar essa habilidade nos diferentes espaços – públicos e privados – com competência, segurança e autonomia”.

No recorte 12, inferimos que é importante fazer parte de uma comunidade de leitura, mas para que isso aconteça é necessário ferramentas de leitura que contribuam para isso. A maioria das vezes o sujeito não tem contato com a leitura e acabam não conseguindo se adaptar, pois desde criança eles devem manter o contato com a mesma e possivelmente esse fato trará bons resultados futuramente. O acesso ao livro é restrito, principalmente em comunidades pobres, as quais possuem um número reduzido de acervo e talvez inexistente, mas quando ainda temos livros para oferecer é necessário de um mediador para despertar naqueles que não optam pela leitura a curiosidade em ler. O contato apenas ocasional e não sistemático com a escrita não garante um alto grau de letramento.

Recorte 13, “Por fim, é preciso entender que a não familiaridade com a leitura representa uma falta. Falta de oportunidade de contato com a linguagem escrita, com o diálogo com o diferente, com a fantasia, com o conhecimento, com outros mundos e possibilidades. E talvez esse seja o maior desafio que todos nós brasileiros precisamos enfrentar: o de despertar o desejo pela cultura, pela experiência estética, pela transcendência, pela imaginação como algo indispensável à uma vida plena e um direito pelo qual vale a pena lutar. Sempre”.

No recorte 13, ele fala sobre a falta de oportunidade em conhecer a leitura, pois é uma cultura vasta, carregada de fantasias, imaginações, mas não tão explorada. Talvez seja a falta de

conhecimento, de nunca de sentido o mundo imaginário que ela nos permite viver que não conseguimos enxergar a grande importância dela para a nossa cultura. Nela podemos viver carregados de conhecimentos de todos os gêneros e saber que quanto mais exploramos mais somos instigados a propor novas disputas através de novos temas.

Análise 2

Nessa segunda análise, Vamos analisar uma reportagem intitulada “Cultivar livro e leitura num país diverso, mas oral”. Vejamos o primeiro recorte:

Recorte 1, “Cultivar livro e leitura num país diverso, mas oral”

No recorte 1, a partir desse tema, observamos que mesmo com a diversidade cultural existe uma grande dificuldade de cultivar livro e leitura, pois eles são ricos culturalmente, mas com relação a escrita existe falhas. Portanto, se existisse a fusão entre cultura, leitura e escrita teria bons resultados para esse processo.

Recorte 2, “Pouco letrada, ao longo da história, população não tem relação forte com o livro. Mudar este cenário exige ser preciso ser antropofágico, nunca cartesiano”.

No recorte 2, quando fala que “Pouco letrada, ao longo da história, população não tem relação forte com o livro”, esta é uma informação equivocada, pois os analfabetos também são letrados, apenas não possuem grau de instrução. Ainda ressaltamos que pode existir discurso da escrita na oralidade, sendo que um indivíduo pode não saber ler nem escrever, mas possui conhecimentos prévios os quais conseguem se adequar a determinadas situações. Mas, não devemos desprezar a informação de que existe uma grande parte da população analfabeta e por isso, elas não têm acesso a livros.

Recorte 3, “É necessário também pensar o modo como essa prática leitora se articula com nossa cultura, tão nossa, tão brasileira, tão rica em sua oralidade e espontaneidade, mas ainda pobre em sua dimensão escrita. Se desenvolvê-la nessa direção não é tarefa fácil, com certeza ela só se realizará plenamente se feita em consonância e respeito com a diversidade cultural de nosso povo, de modo a potencializá-la e não suprimi-la”.

No recorte 3, sabemos que a nossa cultura é rica na oralidade e espontaneidade, enquanto a escrita não atinge esse patamar. Em decorrência disso, torna-se difícil desenvolver a escrita, pois isso requer consonância entre ambas para que haja um trabalho importante sem deixar perder algo importante. O trabalho a ser feito é árduo, mas propício para o crescimento da nossa cultura através da junção dos nossos valores.

Recorte 4, “De fato, a diversidade cultural (cuja convenção da Unesco para sua defesa e promoção completa dez anos em 2015) se trata de um dos desafios mais importantes a que uma política de livro e leitura deve se ater em um país com nossas dimensões e peculiaridades territoriais e culturais. Uma megadiversidade tão cheia de interiores e com eles suas riquezas, amazônicas, sertanejas, agrestes, pantaneiras, pampeanas impõe a quem quer que aqui desenvolva o livro e a leitura um olhar ainda mais plural que em outros territórios e países menos heterogêneos”.

No recorte 4, este fala sobre a megadiversidade, a qual possuímos e não usamos como forma de união entre leitura e escrita. Em um país tão diverso, cheios de riquezas, não existe uma valorização tão propensa da cultura. Enquanto isso, em outros países menos diverso a cultura é aproveitada. Ao mesmo tempo em que a diversidade é colocada como riqueza, e por isso, como ponto positivo, ela também é vista como um obstáculo, sendo por isso negativa.

Recorte 5, “A população brasileira, formada basicamente por três grandes blocos: os indígenas e os africanos, ágrafos, e os portugueses, cujo nível de alfabetização sempre foi o menor da Europa e em seguida enriquecida por povos de todos os quadrantes da Terra, é belo resultado de uma especial mistura”.

Recorte 6, “No entanto, ao permanecer por séculos longe dos livros – até o ano de 1808 Portugal proibia que se fizessem livros no Brasil – e com uma educação rarefeita até mais da metade do século XX, chegamos ao século XXI com elevados índices de analfabetismo absoluto (cerca de 10% da população) e uma relação recente e problemática com o livro e a prática leitora”.

Nos recortes 5 e 6, percebemos que o nível de alfabetização sempre foi o menor da Europa. A partir disso, observamos que esse altos índices de analfabetismo segue desde o passado e permeiam até hoje. Nessa parte do recorte 5, “A população brasileira, formada basicamente por três grandes blocos: os indígenas e os africanos, ágrafos, e os portugueses, cujo nível de alfabetização sempre foi o menor da Europa”, o problema seria a formação e colonização do Brasil, em relação aos grupos humanos que formaram o Brasil. Seriam povos pouco doados à cultura escrita, como podemos ver no recorte, talvez isso seja relacionado a preconceitos que seguem desde o passado e que são refletidos até hoje. A maioria desses povos sofreu durante o processo de colonização e por isso, sofrem o reflexo até hoje. No recorte 6, percebemos que o problema é histórico e, por isso, ela pode explicar esse problema que permeia em certo período.

Recorte 7, “Diferentemente da maioria dos países da Europa, por exemplo, em que a literatura e o livro cumpriram um enorme papel social e político, no Brasil a relação com o livro só se desenvolve, ainda que de forma muito precária, em escala social, depois da relação com os meios de comunicação de massa. E, hoje, com os meios digitais”.

No recorte 7, Nos países da Europa a cultura do livro é bastante valorizada, diferente do Brasil. Devido ao poder do capitalismo o acesso ao livro, ainda é mais restrito, pois devido ao alto custo a maior parcela da população não tem condições em adquirir. Ainda temos a tecnologia interferindo nesse processo, sendo esta um ponto muito forte para contrapor.

Recorte 8, “E, assim como sem leitura o Brasil não se tornará uma pátria educadora, uma política de leitura para o Brasil de nosso tempo necessita estar intimamente ligada à Educação e à vida na escola, focando principalmente a faixa entre os 7 e os 14 anos, período em que a prática leitora se desenvolve e tem chances de se consolidar. E contar com as necessárias parcerias com a sociedade civil organizada, as redes, coletivos e o mercado do livro”.

No recorte 8, percebemos que o Brasil só terá uma pátria leitora com leitura, mas para isso será necessário adotar medidas que ajudem nesse processo de transformação. Dos 7 aos 14 anos é o período de desenvolvimento dessa prática e isso requer mais atitude para que ela se consolide de forma eficiente. Nessa fase, eles se empenham mais, pois estão se redescobrendo socialmente e daí a chance em ajudar através da prática da leitura.

Recorte 9, “Precisamos relacionar a leitura com a cultura, num contexto de megadiversidade. País antropofágico, de tradições e inovações, de modernidades e arcaísmos, de hibridismos e identidades, de urbes tão imensas quanto seus campos, florestas e faixas litorâneas, o Brasil impõe-se como desafio de multiplicidade a qualquer prática cultural em seu território, entre elas a da leitura e da literatura”.

No recorte 9, para que o país interaja mais com a leitura é necessário usar a megadiversidade com a leitura como forma de miscigenar. A mistura impõe aspectos importantes para que possamos multiplicar a prática cultural no território brasileiro, já que é tão vasto culturalmente, mas que não é tão explorado. É interessante que, se por um lado a diversidade pode ser vista como riqueza, no recorte 9, ela é tratada como uma dificuldade no trecho “desafio da multiplicidade”.

Recorte 10, “Também, para o desenvolvimento de uma visão sistêmica de leitura, é preciso, junto com a leitura solitária, cartesiana, fundamental para a formação do olhar íntimo do leitor silencioso, a

leitura solidária, aberta, dialogante com a diversidade cultural e com a cultura digital contemporâneas”.

No recorte 10, quer dizer que não adianta relacionar a leitura com a cultura senão abrir um leque para a leitura mais aberta que instigue o leitor a se adequar aos métodos. Ou seja, deve haver ligação entre todos os aspectos para haja uma comunicação entre si.

Análise 3

Crítica: escolas boutique vendem alienação a peso de ouro

<http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/opiniao-escolas-boutique-vendem-alienacao-peso-de-ouro/>

Nessa terceira análise, Vamos analisar uma reportagem intitulada “Crítica: escolas boutique vendem alienação a peso de ouro” . Vejamos o primeiro recorte:

Recorte 1, “Crítica: escolas boutique vendem alienação a peso de ouro”

No recorte 1, a partir desse tema, percebemos que hoje a visão a qual temos sobre as escolas privadas é realmente essa. A cada dia a questão do tradicionalismo acaba e impõe outro tipo de realidade educacional burguês. Enquanto que existe um contraste social presente no outro lado que acaba sendo esquecido devido ao mundo capitalista.

Recorte 2, “Educação privada transforma-se em mercado de serviços e a oferta pouco se distingue das estratégias de propaganda de hotéis de luxo ou resorts à beira-mar”.

No recorte 2, a educação privada está cada vez mais próxima a ofertas de hotéis de luxo, pois o capitalismo está adentrando até na educação. Hoje o interesse não é somente em passeios que percebemos o teor do capital, o ponto forte está sendo a educação privada, pois esta passou a ser de extrema importância para que um indivíduo alcance altos padrões sociais, mas para isso deverá passar por um ensino de boa qualidade. Então, para que isso aconteça é preciso ter educação de boa qualidade e ainda conforto para servir como modelo de respeito para outros países. Ao mesmo tempo, o trecho, sem dizer isso explicitamente, deixa subentendido que a educação não é (ou não deveria ser) uma mercadoria como outra qualquer, requerendo um tratamento diferenciado, e não tendo como baliza apenas a lei do mercado.

Recorte 3, “Foi-se o tempo em que pais de classe média e alta escolhiam escolas particulares baseados apenas na tradição. A educação básica privada transforma-se progressivamente em um mercado de serviços como outro qualquer, e a oferta de “experiências perfeitas” às crianças pouco se distingue das estratégias de propaganda de hotéis de luxo ou resorts à beira-mar”.

No recorte 3, fala sobre a substituição do tradicionalismo das escolas particulares com as novas ofertas de estudos. As escolas modelos estão se tornando mais comuns em classes altas, pois o ensino e a estrutura perfeita são primordiais para o aprendizado. No recorte 3 a ideia que estava implícita no recorte 2, aparece explicitamente: que a educação não faz parte de um “mercado de serviços como outro qualquer”. Além disso, as estratégias de inserção do aluno (venda?) tratam a educação como uma mercadoria qualquer, pois as propagandas de escola “pouco se distingue das estratégias de propaganda de hotéis de luxo ou resorts à beira-mar”.

Recorte 4, “O mercado de serviços educacionais – é disso que se trata – de grandes cidades brasileiras vem sendo sacudido pela inserção de novos “players” – assim se denominam – e atraindo investimentos de grupos nacionais e estrangeiros de “private equity” ou mesmo de “venture capital”. A educação básica imita o ensino superior e entra na bolsa de valores, ou stock market, melhor dizendo, com todas as regras de “compliance” e promessas de ganhos de “market share”.

No recorte 4, a educação básica é uma imitação do ensino superior, já que este era algo que iria inserir no mercado de trabalho e até mesmo dar continuidade ao tradicionalismo da família. Enquanto o ensino básico está exercendo o papel que era desempenhado pelo ensino superior, ou seja, há uma inversão de papéis na sociedade de classe alta.

Recorte 5, “Mas há uma importante diferença no “target” entre o ensino superior privado e as novas escolas particulares. Enquanto os centros universitários – eufemismo para uma reunião pouco consistente de faculdades técnicas – miraram o consumidor de baixa renda – o “lower income”, para não destoar – e os subsídios governamentais do Prouni, as escolas tentam seduzir o segmento “premium”, a “upper class”.

No recorte 5, notamos a diferença entre o ensino superior privado e as escolas particulares, pois o primeiro também se vincula ao consumidor de classe baixa através de programas governamentais que financiam o estudo através de bolsas e acabam inserindo esses indivíduos em universidades as quais seriam para aqueles de classe alta.

Recorte 6, “Os projetos pedagógicos das escolas boutiques, ou colégios de charme, embalam em papel dourado e salas de aula projetadas por famosos designers tendências de metodologia ativa presentes no horizonte educacional desde pelo menos os anos 1960. O aluno como protagonista, a interação como princípio da aprendizagem, a construção de conhecimento por meio de projetos de investigação. Nada de novo aqui, e nem é isso mesmo o que essas escolas querem vender”.

No recorte 6, observamos que essas novas escolas querem vender principalmente status para a sociedade através de modelos luxuosos de estruturas, sem que não haja tanta importância com o ensino. O aluno serve como modelo para protagonizar esse tipo de escola. Eles são vistos como papéis importantes desses meios tanto para a sociedade quanto para a família, já que fazem parte da burguesia e sua família desempenha papel importante na sociedade.

Recorte 7, “Afinal”, para formar cidadãos de um mundo globalizado, os futuros líderes do século XXI – a quem a plebe rude e ignara está fadada a obedecer -, é necessário cobrar mensalidades na faixa de oito mil reais por mês, fora uma taxa de matrícula ou de adesão de outros tantos mil reais.

No recorte 7, observamos a alta mensalidade estimada para um ensino básico. Esse valor há alguns anos poderia ser visto somente em cursos superiores, e hoje a realidade é outra. As pessoas estão cada vez mais condicionadas a querer mostrar seu poder aquisitivo e menosprezando classes que a maioria delas não tem acesso a nenhum tipo de ensino de qualidade. Tudo isso é o reflexo do capitalismo exacerbado imposto por uma sociedade desigual.

Recorte 8, “Não, essas escolas não se destinam a formar líderes, mas patrões. Não pretendem formar cidadãos globais, mas elites que mandam a partir de espaços delimitados e cercados, muito distantes da realidade diversa e multifacetada do mundo dito globalizados. Esses estabelecimentos não se destinam a uma integração com a realidade contemporânea, mas com uma pequena parcela desta realidade, a que vive nos melhores bairros, tem acesso ao maior número de recursos, seja em Manhattan, seja nos Jardins ou na Barra da Tijuca”.

No recorte 8, essas escolas são destinadas a dar continuidade a geração de patrões, pois são classes tradicionais na sociedade e para isso, requer estudos de última geração para que consigam potencializar mais a tradição. A nossa realidade hoje seria a dominação do capitalismo e isso vemos desde o ensino hierarquizado voltado para a separação de classes.

5- Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisar três reportagens do site “Carta Capital”, com o intuito de compreender mais sobre a análise do discurso e sobre os temas abordados nas reportagens. Sempre seguindo o tema educação, tivemos a oportunidade de perceber a grandiosidade do discurso e seus elementos constituintes. Ao tratar de tais assuntos, percebemos a diversidade dos mesmos, da mesma forma que eles poderão variar de acordo com a discursividade.

Tendo em vista ideologias impostas em nossa sociedade, observamos na educação dificuldades resultantes também de uma hierarquização do ensino. Em decorrência disso, o ensino se torna mais dificultoso, principalmente para as classes mais desfavorecidas. A nossa sociedade também segue um modelo imposto pela mídia, esta por sua vez, convence através dos seus discursos certas atitudes pertinentes a um mundo capitalista.

Hoje, com um mundo de aparências, observamos que a estruturação escolar é primordial para que o aluno tenha uma educação melhor. Quando lançamos essa proposta, sabemos que esta está inteiramente atribuída ao ensino privado, pois o ensino público é um descaso e conseqüentemente seus usuários não conseguem adquirir todos os conhecimentos que deveriam. Embora existam exceções, pois mesmo não fazendo parte de um ensino de qualidade, existem aqueles que conseguem chegar a universidades de prestígio social.

Para que esses problemas fossem solucionados, caberia à política brasileira tomar medidas cabíveis para uma educação de qualidade. Além disso, outros fatores como estrutura familiar, a sociedade igualitária e entre outros seria importante para que isso acontecesse. A partir do momento que temos igualdade social, observamos uma linhagem de pensamento humanitário, capaz de transformar opiniões em resolução de problemas. Com

relação à leitura e escrita, sabemos que esses fatores também contribuem para um ensino ruim, mas a dedicação do indivíduo é importante para que desenvolva habilidades para a leitura e escrita.

Esse trabalho contribuiu bastante para o aprimoramento de conhecimentos ligados a análise do discurso através de aportes teóricos. Cada dado pertinente ao assunto abordado foi essencial para uma análise mais detalhada sobre o mesmo. Através do estudo detalhado das reportagens analisadas, surgiu a oportunidade de aprender mais sobre determinadas informações disponibilizadas por elas. Assim, expomos a contribuição desse trabalho para os estudos sobre análise do discurso relacionando o mesmo a mídia.

6- Referências

ORLANDI. Eni P. Análise de Discurso. *Princípios e Procedimento*. 2005. Pontes.

TFOUNI. Fabio Elias Verdiani; TFOUNI. Leda Verdiani. A Mídia e a Fabricação do “Bom” Sujeito. 2014.

ASSOLINI. Filomena Elaine Paiva; TFOUNI. Leda Verdiani. Letramento e trabalho pedagógico. 2007.

TFOUNI. Leda Verdiani; ASSOLINI. Filomena Elaine Paiva. Interpretação, autoria e prática pedagógica escolar. 2008.

FIORIN. José Luiz. Linguagem e ideologia. Editora: Ética. 1998. 6ª edição.

GREGOLIN. Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidade. 2007.

www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/para-cultivar-livro-e-leitura-num-pais-diverso-mas-oral-9062.html

<http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/opiniao-escolas-boutique-vendem-alienacao-peso-de-ouro/>

<http://www.cartaeducacao.com.br/new-rss/o-desafio-de-formar-leitores/>

7- Anexos

Reportagem 1

O desafio de formar leitores

Por: DENISE GUILHERME VIOTTO em 24 de Maio de 2016

Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/new-rss/o-desafio-de-formar-leitores/>

Data de acesso: 12 de Dezembro de 2017

A leitura, assim como a culinária, a dança, a costura e a natação, é uma habilidade. Como tal, precisa ser adquirida, treinada, aperfeiçoada e refletida para que seja praticada com autonomia e desenvoltura.

Na semana passada saiu o resultado da 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro. Os dados divulgados abrem espaço para muitas reflexões – seja porque nos reconhecemos nas respostas e comportamentos ali expostos, seja porque somos cúmplices de alguns cenários ali apresentados. Cenários já muito familiares a todos aqueles comprometidos com o desafio de formar leitores em nosso país.

Segundo os critérios da pesquisa, 44% da população brasileira não é leitora. E dentre as principais razões apresentadas para a ausência da prática da leitura de livros estão a falta de tempo e paciência, o cansaço, a dificuldade e o não gostar de ler.

Todos sabemos que a leitura, assim como a culinária, a dança, a costura e a natação, por exemplo, é uma habilidade. Como tal, precisa ser adquirida, treinada, aperfeiçoada e refletida para que seja praticada com autonomia e desenvoltura. É possível que, para esse número

considerável de brasileiros, a falta de interesse por essa habilidade possa ser explicada pela dificuldade que possuem em praticá-la de modo satisfatório.

Bons leitores, assim como bons cozinheiros, dançarinos, costureiros e nadadores, sentem prazer em realizar suas atividades porque possuem competência para fazê-las.

Geralmente, quando perguntamos a alguém se gosta de cozinhar, dançar, costurar, ou nadar, a resposta é sempre positiva quando o sujeito sabe-se competente para praticar essas habilidades. O gosto costuma derivar do reconhecimento da própria capacidade de realizar algo de modo satisfatório.

E como é possível torna-se capaz de fazer algo que não se conhece?

Primeiro, é preciso que o indivíduo adquira algumas competências básicas que, no caso da leitura, passam necessariamente pelo processo de conquista de uma alfabetização plena – tarefa que deveria ser cumprida pelas instituições educativas, garantindo a todos o direito à educação.

Um indivíduo plenamente alfabetizado é também um leitor competente que compreende e interpreta textos em diferentes situações, estabelecendo relações entre suas partes, comparando e analisando informações, distinguindo fato de opinião, sendo capaz de fazer inferências e sínteses. Só é possível adquirir todas essas competências tendo acesso à palavra escrita e a experiências diversificadas, nas quais as práticas sociais da língua estejam em jogo. Ou seja, pertencendo a um ambiente letrado. E a construção desse ambiente pode ter o seu início muito antes do ingresso à escola.

Segundo a pesquisa mencionada no início desse texto, mães, pais e parentes foram citados como responsáveis por incentivar o gosto pela leitura por cerca de 27% dos entrevistados. São eles, também, um dos principais influenciadores para escolha e compra de livros. Isso demonstra a importância e a responsabilidade da família para despertar o interesse e a valorização do objeto livro, incluindo momentos para a leitura na rotina, dedicando tempo para visitar bibliotecas e livrarias, investindo parte do orçamento na construção de um acervo próprio, comentando e compartilhando as obras lidas, enfim, construindo – dentro de casa – uma comunidade de leitores.

Mas, todos sabemos que, em um país onde mais de 80 milhões de pessoas se declaram não leitoras, apostar todas as fichas para a mudança desse quadro apenas na família pode resultar em poucos e lentos avanços. Pais, mães e demais parentes podem e devem aproximar as crianças da leitura desde cedo, mas para isso é preciso que o livro esteja acessível. Daí a importância dos diferentes equipamentos culturais, especialmente das bibliotecas públicas e privadas, das boas livrarias com acervos diversificados e atualizados e, principalmente, de medidas que garantam o direito à leitura como política pública de Estado e não de governos.

Saber ler e fazer parte de uma comunidade onde a leitura está presente nos mais diferentes suportes é fundamental, mas essas duas condições só se efetivam na prática quando há acesso a livros e outros bens culturais de qualidade. E acesso, aqui, precisa ser entendido como muito mais do que proximidade com os objetos, mas como a criação de condições para que se possa extrair o máximo desse contato. Daí a importância da mediação feita por leitores mais experientes, que sejam capazes de despertar o desejo pela leitura, construindo oportunidades para que se possa praticar essa habilidade nos diferentes espaços – públicos e privados – com competência, segurança e autonomia.

Por fim, é preciso entender que a não familiaridade com a leitura representa uma falta. Falta de oportunidade de contato com a linguagem escrita, com o diálogo com o diferente, com a fantasia, com o conhecimento, com outros mundos e possibilidades. E talvez esse seja o maior desafio que todos nós brasileiros precisamos enfrentar: o de despertar o desejo pela cultura, pela experiência estética, pela transcendência, pela imaginação como algo indispensável à uma vida plena e um direito pelo qual vale a pena lutar. Sempre.



Reportagem 2

Cultivar livro e leitura num país diverso, mas oral

por Jéferson Assunção — publicado 18/08/2015 15h44, última modificação 20/08/2015 15h05

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/para-cultivar-livro-e-leitura-num-pais-diverso-mas-oral-9062.html>

Data de acesso: 12 de Dezembro de 2017

Pouco letrada, ao longo da história, população não tem relação forte com o livro. Mudar este cenário exige ser preciso ser antropofágico, nunca cartesiano

O artigo *A Dimensão Cultural da Leitura*, do ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, publicado no caderno do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), em 2006, traz uma frase que considero ser a chave para uma política de livro e leitura a ser desenvolvida no Brasil:

“É necessário também pensar o modo como essa prática leitora se articula com nossa cultura, tão nossa, tão brasileira, tão rica em sua oralidade e espontaneidade, mas ainda pobre em sua dimensão escrita. Se desenvolvê-la nessa direção não é tarefa fácil, com certeza ela só se realizará plenamente se feita em consonância e respeito com a diversidade cultural de nosso povo, de modo a potencializá-la e não suprimi-la”.

De fato, a diversidade cultural (cuja convenção da Unesco para sua defesa e promoção completa dez anos em 2015) se trata de um dos desafios mais importantes a que uma política de livro e leitura deve se ater em um país com nossas dimensões e peculiaridades territoriais e culturais. Uma megadiversidade tão cheia de interiores e com eles suas riquezas, amazônicas, sertanejas, agrestes, pantaneiras, pampeanas impõe a quem quer que aqui desenvolva o livro e a leitura um olhar ainda mais plural que em outros territórios e países menos heterogêneos.

A população brasileira, formada basicamente por três grandes blocos: os indígenas e os africanos, ágrafos, e os portugueses, cujo nível de alfabetização sempre foi o menor da Europa e em seguida enriquecida por povos de todos os quadrantes da Terra, é belo resultado de uma especial mistura.

No entanto, ao permanecer por séculos longe dos livros – até o ano de 1808 Portugal proibiu que se fizessem livros no Brasil – e com uma educação rarefeita até mais da metade do século XX, chegamos ao século XXI com elevados índices de analfabetismo absoluto (cerca de 10% da população) e uma relação recente e problemática com o livro e a prática leitora.

Diferentemente da maioria dos países da Europa, por exemplo, em que a literatura e o livro cumpriram um enorme papel social e político, no Brasil a relação com o livro só se desenvolve, ainda que de forma muito precária, em escala social, depois da relação com os meios de comunicação de massa. E, hoje, com os meios digitais.

Mas, então, como cultivar a leitura neste contexto adverso? Temos um mapa, pelo menos. Precisamos desenvolver políticas e ações que se orientem pelos cinco princípios norteadores do PNLL:

- 1) O Livro deve ocupar um lugar de destaque no imaginário coletivo;
- 2) Deve haver escolas que saibam formar leitores;
- 3) Devem existir famílias de leitores;

4) Melhor acesso ao Livro; e

5) Um melhor Preço do livro.

E, assim como sem leitura o Brasil não se tornará uma pátria educadora, uma política de leitura para o Brasil de nosso tempo necessita estar intimamente ligada à Educação e à vida na escola, focando principalmente a faixa entre os 7 e os 14 anos, período em que a prática leitora se desenvolve e tem chances de se consolidar. E contar com as necessárias parcerias com a sociedade civil organizada, as redes, coletivos e o mercado do livro.

Megadiversidade

Precisamos relacionar a leitura com a cultura, num contexto de megadiversidade. País antropofágico, de tradições e inovações, de modernidades e arcaísmos, de hibridismos e identidades, de urbes tão imensas quanto seus campos, florestas e faixas litorâneas, o Brasil impõe-se como desafio de multiplicidade a qualquer prática cultural em seu território, entre elas a da leitura e da literatura.

Um país com tantas fontes, indígenas, negras, europeias, asiáticas olha para o mundo e é olhado por ele de maneira especial. A prática da leitura, por aqui, também deve ser tão especial quanto o Brasil é.

Temos que desenvolver a leitura no Brasil a partir dos pressupostos culturais de sua singular formação. Antropologicamente, historicamente, sociologicamente, a tarefa de fazer do Brasil um país leitor não pode ser articulada de maneira instrumental, funcional, ao desenvolvimento econômico e mesmo social sem ser qualificado pela especificidade de sua cultura, sob pena de achatar-se e não acompanhar sua própria grandiosidade.

Também, para o desenvolvimento de uma visão sistêmica de leitura, é preciso, junto com a leitura solitária, cartesiana, fundamental para a formação do olhar íntimo do leitor silencioso, a leitura solidária, aberta, dialogante com a diversidade cultural e com a cultura digital contemporâneas.

Fundamental é desenvolver diálogos estratégicos entre Cultura e Educação, Cultura e Comunicação, com a Sociedade (redes e coletivos de cultura, pontos de cultura etc) e com as Políticas Culturais de nosso País. Com isso, podemos, a sociedade e os governos, articular grandes ações dentro e fora da escola, como escritores nas escolas, tal como o Rio Grande do Sul faz com sucesso há cerca mais de 30 anos; campanhas de visibilidade da leitura e da

literatura; trabalhar o já grande acervo de literatura distribuído em todo o Brasil pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola, do MEC; desenvolver ações na linha *Formação literária e difusão cultural*, recentemente incluída no Mais Cultura nas Escolas; atuar em ações de visibilização das atividades realizadas nas periferias, centros urbanos e interior do Brasil (saraus, festas literárias, rodas de leitura etc) pelas redes, coletivos e as mais de mil bibliotecas comunitárias do Brasil.

É preciso ajudar na articulação em rede dessas inúmeras iniciativas, com editais específicos para as narrativas urbanas, indígenas, negras etc. Precisamos também mostrar a exemplaridade de bibliotecas públicas e comunitárias, com um selo Biblioteca Viva, além de realizar ações no sentido de promover a língua portuguesa, como veículo para a difusão da produção cultural brasileira em todas as linguagens, desde a literatura, a música popular, cinema, teatro, manifestações populares etc.

Essas e outras ações só serão possíveis com o esforço de muitos (governo, parlamentares, sociedade, movimentos, mercado) em prol de ações estruturantes, entre elas, aprovar no Congresso Nacional o Projeto de Lei do Plano Nacional de Livro e Leitura – PNLL, criar o Fundo Setorial Pró-Leitura; e recuperar a institucionalidade do livro e da leitura no País por meio de um Instituto Nacional do Livro, Leitura e Literatura. Muito já foi feito, mas muito ainda é necessário para que a riqueza da cultura brasileira se amplie também na dimensão escrita.

#carta
ideias em tempo real
SEXTA-FEIRA, 02 DE MARÇO DE 2018

CartaCapital / CARTAPLAY / Eventos / CartaEducação / #BLOGdoSÓCIO

Você está aqui: [Página Inicial](#) / [Blogs](#) / [Outras Palavras](#) / [Cultivar livro e leitura num país diverso, mas oral](#)

Outras Palavras

Cultura

Cultivar livro e leitura num país diverso, mas oral

Últimas

- A pedido de Dodge, Fachin inclui Temer em outro inquérito da Lava Jato
02/03/2018
- A Itália e a campanha da xenofobia
02/03/2018
- Cut/Vox Populi: 54% defendem que Lula tenha direito de ser candidato

Reportagem 3

Crítica: escolas boutique vendem alienação a peso de ouro

REDAÇÃO 12 de dezembro de 2017

Por José Ruy Lazano

Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/opinio-escolas-boutique-vendem-alienacao-peso-de-ouro/>

Data de acesso: 12 de Dezembro de 2017

Educação privada transforma-se em mercado de serviços e a oferta pouco se distingue das estratégias de propaganda de hotéis de luxo ou resorts à beira-mar.

Foi-se o tempo em que país de classe média e alta escolhiam escolas particulares baseados apenas na tradição. A educação básica privada transforma-se progressivamente em um

mercado de serviços como outro qualquer, e a oferta de “experiências perfeitas” às crianças pouco se distingue das estratégias de propaganda de hotéis de luxo ou resorts à beira-mar.

O mercado de serviços educacionais – é disso que se trata – de grandes cidades brasileiras vem sendo sacudido pela inserção de novos “players” – assim se denominam – e atraindo investimentos de grupos nacionais e estrangeiros de “private equity” ou mesmo de “venture capital”. A educação básica imita o ensino superior e entra na bolsa de valores, ou stock market, melhor dizendo, com todas as regras de “compliance” e promessas de ganhos de “market share”.

Anglicismos adentro, os nomes de algumas novas escolas a serem inauguradas em São Paulo e no Rio de Janeiro reiteram a tendência: New York Avenues, Concept, International School, e por aí vai.

Mas há uma importante diferença no “target” entre o ensino superior privado e as novas escolas particulares. Enquanto os centros universitários – eufemismo para uma reunião pouco consistente de faculdades técnicas – miraram o consumidor de baixa renda – o “lower income”, para não destoar – e os subsídios governamentais do Prouni, as escolas tentam seduzir o segmento “premium”, a “upper class”.

Os projetos pedagógicos das escolas boutiques, ou colégios de charme, embalam em papel dourado e salas de aula projetadas por famosos designers tendências de metodologia ativa presentes no horizonte educacional desde pelo menos os anos 1960. O aluno como protagonista, a interação como princípio da aprendizagem, a construção de conhecimento por meio de projetos de investigação. Nada de novo aqui, e nem é isso mesmo o que essas escolas querem vender.

Suas estratégias de marketing mobilizam sem maior receio – ou vergonha – o conceito de exclusividade, como os bancos prime ou algumas pousadas em Trancoso. Esse é o verdadeiro objeto de desejo dos potenciais clientes das escolas boutique.

Afinal, para formar cidadãos de um mundo globalizado, os futuros líderes do século XXI – a quem a plebe rude e ignara está fadada a obedecer –, é necessário cobrar mensalidades na faixa de oito mil reais por mês, fora uma taxa de matrícula ou de adesão de outros tantos mil reais.

Assim estão a se formar verdadeiros clubes privados de ensino, escolas de empreendedorismo e criatividade (leia-se, negócios), jardins da infância financeirizada e higienizada, cujo acesso é, certamente, exclusivo: longe de gente esquisita que não circula no Clube Pinheiros ou no Jockey, nem vai esquiar em Aspen no carnaval.

Não, essas escolas não se destinam a formar líderes, mas patrões. Não pretendem formar cidadãos globais, mas elites que mandam a partir de espaços delimitados e cercados, muito distantes da realidade diversa e multifacetada do mundo dito globalizado. Esses estabelecimentos não se destinam a uma integração com a realidade contemporânea, mas com uma pequena parcela desta realidade, a que vive nos melhores bairros, tem acesso ao maior número de recursos, seja em Manhattan, seja nos Jardins ou na Barra da Tijuca.

Escolas de alienação, isso sim, compradas a peso de ouro.

José Ruy Lazano é sociólogo, autor de livros didáticos, conselheiro do Cipi (Conselho Independente de Proteção à Infância) e coordenador pedagógico geral do Colégio Nossa Senhora do Morumbi – Rede Alix.

